

Ano II
Num. 6
Junho - 2007

Práxis

Corrente
Marxista
Revolucionária
do P-Sol

PARA DERROTAR O GOVERNO: UNIR AS LUTAS



Voltamos às ruas !

Depois de mais de uma década em que os trabalhadores e estudantes quase não protagonizaram ações de ruas, começa a mudar a situação. Há mais de três meses temos vivido uma série de importantes mobilizações, algumas muito radicalizadas, como, por exemplo, a passeata em São Paulo no dia 08 de março, quando enfrentamos ao mesmo tempo a polícia de Serra e a política traidora da CUT, UNE e CMS.

A temperatura esquentou no mês de maio, ele iniciou com bons atos de 1º de Maio em várias partes do país, em seguida tivemos a ocupação da reitoria da USP, que hoje é o principal fato político nacional, por fim, o dia nacional de luta contra as reformas de Lula, ocorrido em 23 de maio, reuniu 1,5 milhões de trabalhadores de Norte a Sul do país, quando foram realizados cortes de estradas pelo MST, ocupação de hidrelétrica por parte de trabalhadores rurais atingidos por barragens, greves em diversas categorias e uma grande passeata em SP que partiu do MASP e se dirigiu até a Assembleia Legislativa, onde ocorreu um enfrentamento entre os manifestantes e a Polícia Militar.

Podemos estar assistindo aos primeiros raios de luz de um novo e vigoroso processo de retomada das lutas, que se vitorioso, pode mudar a correlação de forças que tem estado desfavorável para os trabalhadores há muito tempo.

Para que isso aconteça é preciso superar o verdadeiro freio que as direções do movimento tem tentado impor. Na atual

do movimento sindical, estudantil e popular.

A esquerda classista e antigovernista têm uma grande responsabilidade nesse processo, temos que ser capazes de transformar a grande influência política que reflete no grande número de sindicatos e entidades do movimento estudantil que as diversas correntes socialistas revolucionárias dirigem em influência social, isto é, em capacidade de mobilização. Para isso será necessário forjar a mais ampla frente única para lutar das correntes antigovernistas e antiburocráticas, ao mesmo tempo precisamos romper a divisão entre a Conlutas e a Intersindical, a classe trabalhadora precisa de uma referência clara de alternativa de direção. A divisão em duas organizações, ambas de vanguarda, é um crime que só contribui para que a CUT continue sendo a direção das principais categorias nacionais.

Uma nova organização surgida da unificação superadora de ambas e com um programa que aponte ao não pagamento da dívida externa; a anulação de todas as reformas realizadas por FHC e LuLa; salário mínimo do DIEESE; Redução da Jornada de trabalho, Reforma Agrária e Reestatização das empresas privatizadas sob o controle dos trabalhadores poderia servir para aglutinar os novos

ativistas.



conjuntura nacional avançaremos a luta contra a CUT, UNE e CMS e não de braços dados com essas entidades. Isso não quer dizer que vamos nos omitir em disputar em cada local de trabalho, estudo ou moradia, a base social desses setores que desgraçadamente seguem sendo a direção de fato

FUNDAÇÃO SANTO ANDRÉ (FSA) –

VENCER O IMOBILISMO E O SECTARISMO E REERGUER O MOVIMENTO

Zé Roberto

A Fundação Santo André é uma instituição com grande tradição na região do ABC, tradição de ensino de boa qualidade e principalmente de luta dos estudantes. É sem dúvida nenhuma a faculdade mais lutadora em todo o ABC e uma das principais no estado de São Paulo. Não é por menos que várias correntes da esquerda revolucionária e mesmo reformista tem peso nessa instituição; por ela passaram vários companheiros que hoje se destacam à frente de sindicatos de toda a região. A FSA sempre foi um celeiro de militantes para a esquerda.

A FSA também sempre se destacou por seu caráter democrático e progressista. Infelizmente isso tem mudado bastante. Hoje, como em outras faculdades de tipo comunitária, a FSA passa por um processo de reorganização interna que na prática tem significado aumento das mensalidades, fechamento dos cursos que não dão lucro e cerceamento dos direitos de organização e livre debate.

Apesar da esquerda ter peso real na faculdade, as diversas correntes **não conseguiram transformar o peso real que possuem em mobilização dos estudantes.**

Diante dessa situação, aconteceu nos dias 22, 23 e 24 de maio a eleição para o Diretório Acadêmico – DA Honestino Guimarães – num processo eleitoral que referendou a chapa única **“É PRECISO LUTAR, É POSSÍVEL VENCER”**, formada por militantes do PSTU, PRÁXIS, espaço socialista e independentes.

Nós, do Práxis, participamos do processo eleitoral realizando um debate sobre as debilidades do movimento na Fundação, integrando a chapa única eleita em uma convenção democrática realizada posteriormente a diversas reuniões para debate de programa e composição - que se mostrou bastante progressivo - possibilitando a elaboração de um programa sólido de reivindicações que apontam para lutas importantes a serem travadas. Ao mesmo tempo não nos furtamos de fazer críticas à gestão que estava terminando, composta majoritariamente pelo PSTU, que não soube transformar a participação massiva

dos alunos nas assembleias convocadas no início do ano em um movimento forte de resistência às atitudes da reitoria da Fundação, tampouco, estabeleceu o necessário debate político capaz de orientar os alunos para as lutas que acabaram, por isso mesmo, não acontecendo.

Infelizmente já na campanha eleitoral apareceram alguns problemas sérios. O primeiro deles está numa continuidade da postura dos companheiros do PSTU, que centrando o eixo da discussão no problema das mensalidades, não contribuem para uma discussão mais ampla e politizada capaz de barrar os ataques da direção da Fundação. Tal procedimento de discussão rasteira, numa instituição em que a discussão acadêmica e política vêm se esvaziando, somente coopera para que a direção da mesma complete o processo de transformação da FSA em mais uma fábrica de diplomas para universitários submetidos ao processo de alienação do trabalho no capital.

O segundo problema se dá por conta da visão estreita de alguns grupos políticos dentro da Faculdade, que privilegiando uma ação sectária que visa unicamente sua auto construção, agem a margem do movimento, atrasando o trabalho conjunto necessário ao momento por que passamos. Lamentavelmente enxergamos assim o procedimento dos companheiros da CORRENTE OPERÁRIA, que tendo participado do processo de discussão para a formação de chapa, resolveram no último dia não integrá-la, numa atitude política que não constrói o movimento, tão somente coloca diante dos alunos da Fundação a dúvida quanto às importantes lutas que a esquerda deverá travar com os grupos direitistas que vem sendo cooptados pela direção da mesma.

Nos orgulhamos de termos sido construtores da unidade da chapa vencedora, ao mesmo tempo em que chamamos a todos os companheiros combativos a nos unirmos em torno de um processo de lutas que encoste a reitoria da faculdade na parede, através da discussão política elevada e conseqüente, que aponte inclusive para fora dos limites da Fundação, notadamente na inserção dos alunos da Faculdade no movimento geral contra os ataques de Serra e Lula e no apoio irrestrito aos diversos movimentos de luta antineoliberal.



Mais um escândalo de corrupção se aproxima de Lula

Estamos diante de mais uma onda de denúncia de escândalos envolvendo assessores, ministros e parlamentares. O Escândalo da vez foi deflagrado pela operação da Polícia Federal batizada de "Operação Navalha". Mais uma vez as fraudes se davam via licitações totalmente viciadas, através de intrincadas redes de corrupção e chegava dentro do palácio do planalto por meio de obras públicas no setor elétrico e no programa "Luz para todos". Vale lembrar que esse esquema operava em cima das obras do famoso PAC.

Como em outros casos, apareceram nomes de envolvidos de todos os matizes, desde governadores de vários partidos, como Jackson Lago (PDT), Teotônio Vilela (PSDB), Jaques Vagner (PT) e Wellington Dias (PT), sem falar no ex-ministro das Minas e Energia Silas Rondeau que caiu por ter recebido R\$ 100.000,00 de propina para beneficiar a construtora Guautama. Silas Rondeau, por sua vez, foi "indicado" para o ministério por José Sarney (PMDB) e Renan Calheiros (PMDB).

Conforme a Revista Veja, Cláudio Gontijo, lobista dessa construtora, estaria pagando uma pensão de R\$12.000,00 para uma filha de Renan Calheiros, além de pagar o aluguel da casa onde o senador mora.

Como sempre, os acusados tentam explicar ou inexplicável. Renan Calheiros foi à tribuna do senado, falou muito, mostrou documentos, mas não provou nada. Como na crise do mensalão, mais uma cabeça coroada é atingida em cheio.

Essa nova crise de corrupção acontece em um momento em que Lula aponta suas baterias

contra os direitos dos trabalhadores e do povo, tentando aprovar as reformas que não conseguiu no primeiro mandato.

Não temos a menor ilusão de que o congresso nacional puna Renan ou qualquer outro envolvido, já vimos no caso da CPI do mensalão que se depender desses picaretas nada mudará. Já existe um acordo entre a base governista e a suposta oposição, do PSDB e Democratas, para mais uma vez acabar em pizza.

Nesse sentido, a criação de mais uma CPI, como alguns vêm defendendo só servirá para alguns parlamentares aparecerem.

Somente uma investigação independente, composta pelos organismos dos trabalhadores e da juventude será capaz de ir até o fundo de poço que parece não ter fim. Deixar no âmbito do Congresso é colocar a raposa para cuidar do galinheiro.

VOLTAMOS ÀS RUAS

Como vínhamos afirmando há alguns meses, entramos em uma nova conjuntura política. Ainda que não estejamos vivendo o ascenso da década de 80, tão



pouco estamos no ciclo de derrotas que se instalou no Brasil nos anos 90 e primeira metade da década de 2000.

Nesse sentido o dia 23 de maio foi um acontecimento de grande magnitude. Segundo dados da Conlutas mais de 1,5 milhão de trabalhadores, sem-terra, estudantes se mobilizaram em todos os cantos do país, se transformando na maior ação de

rua dos últimos 13 anos pelos menos.

A vitória dessa ação se deveu em primeiro lugar ao aquecimento da temperatura social do país, que por sua vez gera desgaste do Governo Lula e por outro lado na ação conjunta da Conlutas e da Intersindical. Entretanto, nem tudo foi mar de rosas. A política de fazer manifestação conjunta, concretizada na nota assinada pela Conlutas, Intersindical e CUT, se demonstrou um erro total. A

disposição de luta dos estudantes da USP tem feito o governo Serra recuar por diversas vezes, basta lembrar que há mais de 20 dias existe uma liminar de desocupação, que na prática significa permissão para a polícia entrar e desalojar os estudantes à força, que até agora não foi cumprida.

OS PRÓXIMOS PASSOS

Que o dia 23 foi um sucesso, não há a menor dúvida, dizer o

não da Frente de Luta contra a Reforma Universitária, para que coletivamente organizemos uma Jornada Nacional de Luta contra a Reforma Universitária que culmine com a ocupação das reitorias de outras Universidades.

No terreno da luta dos trabalhadores, o dia 23 de maio, como também o dia 08 de março, quando agiram conjuntamente, PSOL, PSTU, Conlutas e Intersindical levaram milhares às ruas de SP para enfrentar

Bush, Lula e Serra, mostrando o caminho a trilhar. Nesse momento de retomada das lutas em nosso país, não existe o menor sentido que a vanguarda sindical que sai às ruas, esteja dividida em duas organizações sindicais, ambas, diga-se de passagem, de vanguarda.

Assim, fazemos um chamado a continuar as lutas de forma unitária, buscando acordos em tudo que for possível, mas achamos que podemos ir mais adiante, é necessário unificar as duas organizações em uma única ferramenta de luta dos trabalhado-



CUT, fiel à sua política de agente do governo Lula e do capital no seio do movimento dos trabalhadores, tentou a todo custo transformar o dia 23 em uma jornada de luta contra o veto à "Emenda 3", isto é, a favor do governo.

O evento que mais tem perdedorado é a ocupação da USP, que neste momento completa mais de 30 dias. Essa ocupação que se iniciou de forma tímida, se fortaleceu e hoje é um fato de primeira magnitude, se transformando em um referencial para o conjunto dos estudantes. A

contrário é no mínimo cegueira política. Hoje o principal enfrentamento é a ocupação da USP, é tarefa de cada ativista e da vanguarda em geral que cerque de solidariedade ativa essa importante luta. Cabe à Conlutas e Intersindical, como principais instrumentos que tem se construído no último período, fazer todos os esforços para que essa luta seja vitoriosa. A vitória dos estudantes da USP será um importante golpe na reforma universitária.

Nesse sentido, propomos a convocação imediata de uma reu-

res. A Conlutas e a Intersindical deveriam organizar um Encontro Nacional de Base com delegados eleitos, que discutisse democraticamente os próximos passos e no final se confluísse em uma nova organização superior à Conlutas e Intersindical. A recusa à unificação só pode ser explicada pela necessidade mesquinha das diversas correntes de manter pequenos aparatos cada um dirigido por um setor.

A política de divisão nesse momento só serve ao governo e aos patrões.

Iº CONGRESSO DO PSOL

MANTER A INDEPENDÊNCIA DE CLASSE E AVANÇAR AO SOCIALISMO

Entre os dias 7 e 10 de junho se realiza o Iº Congresso do PSOL. A grande quantidade de teses apresentadas reflete a enorme diversidade de posições que existe em nosso partido e muitas delas abarcam aspectos importantes da estratégia a ser adotada pela esquerda.

Esse congresso se realiza em um momento especial da luta de classes no país, pois depois de vários anos de marasmo total, o movimento de massas tem dado sinal de vitalidade e de ressurgimento. Podemos dizer que o ano de 2007 marca a volta das lutas sociais em nosso país, com isso não queremos dizer que estamos diante de um novo ciclo de ascenso do movimento operário, tão pouco podemos falar que estamos nas mesmas circunstâncias dos anos 90 e início dos 2000.

A cada mês vemos novos escândalos de corrupção: I) fraudes em licitações envolvendo empreiteiras, construtoras, ex-governadores, prefeitos, secretários de obras e infra-estrutura, funcionários públicos, empresários e assessores. II) Renan Calheiros, presidente do senado, está sendo acusado de receber dinheiro de lobista para pagamento de contas pessoais. III) Os nomes de Rosinha Mateus e Benedita da Silva, candidatas ao governo do Rio de Janeiro em 2002, assim como o atual secretário de cultura do estado, Luiz Paulo Conde, entre outros, foram encontrados pela Polícia Federal em documentos na casa de um dos investigados. Eles "teriam" recebido dinheiro do jogo do bicho. IV) Projeto Luz para Todos que

está atingindo ex-dirigentes da CUT envolvidos em superfaturamento de obras, tal e qual os políticos tradicionais.

É em meio a essa conjuntura que o PSOL comemora três anos, e nós do **Práxis** temos orgulho de fazer parte dessa história. Estivemos presente desde o primeiro momento; acreditamos que foi um grande acerto termos nos inserido e ajudado a construir nosso partido, estando ao mesmo tempo e desde o início dando uma batalha pelo caráter democrático e classista do PSOL. Nesse sentido, participamos do I Encontro Nacional, onde se votou o programa e estatuto provisório do partido e onde se elegeu a direção nacional provisória, da qual participamos com o companheiro Toninho. Tivemos ativa participação na coleta das 500 mil assinaturas que possibilitaram a legalização e apresentação da candidatura de Heloisa Helena à presidência da república.

Em que pese estejamos comprometidos com a construção do PSOL, nunca capitulamos à direção do partido, composta por MÊS, APS e ENLACE, e no momento da realização do tão esperado congresso queremos apresentar nossas posições e debater com o conjunto dos lutadores que vêm construindo o partido nos seus três anos de existência.

Apresentamos uma tese assinada por companheiros do **Práxis** e independentes, que infelizmente não se encontra no caderno de teses, devido a uma manobra de caráter burocrático da direção nacional que cer-

ceou o debate. Partimos da análise da situação da América Latina que vive um ciclo de rebeliões populares e da crise de hegemonia que vive o imperialismo norte-americano.

Especificamente, travamos um debate acerca da natureza do governo Chávez, que para muitos é o caminho a ser seguido. Ao contrário desses companheiros defendemos que Chávez está implantando um Capitalismo de Estado, que embora signifique uma ruptura com o modelo neoliberal **não representa uma via ao socialismo.**

PROGRAMA DEMOCRÁTICO E POPULAR OU RUPTURA COM O CAPITALISMO?

Os que viveram a experiência da degeneração do PT chegam a se arrepiar quando ouvem essa história de Programa Democrático Popular. Basta ver ao que levou a implementação de tal programa para cremos que esse não pode ser o postulado a organizar a estratégia de nosso partido. Depois de estar sepultado pelo balanço do PT, tal como um zumbi, ele ressurgiu claramente na tese da APS denominada "PSOL com o povo rumo ao socialismo" e embora com outros nomes ou sem nomes, também se encontra em outras teses, como as assinadas pelo MES e ALS.

Em suma, o Programa Democrático e Popular, longe de propor bandeiras de ruptura com o capitalismo se propõe a democratizar superficialmente o conjunto da sociedade, colocando como estratégia a conquista de espaços no aparelho do estado via eleição.

REFORMAR O CAPITALISMO OU CONSTRUIR O SOCIALISMO??

Aqueles que defendem o Programa Democrático e Popular dizem que democratizando o estado burguês estariam garantidos os avanços em relação à educação, saúde, moradia e demais demandas do povo, entretanto, nesse programa não entrariam questões como o não pagamento da dívida externa, estatização dos grandes bancos e controle da remessa de dinheiro.

Por trás de um programa "realista" ou realizável está uma política extremamente ilusória e utópica. Dentro do estado burguês, caracterizado pela divisão da riqueza de forma totalmente desigual, democratizar o estado e a partir daí avançar em reformas de caráter progressista é impossível. Ao contrário da APS e sua aliada de sempre, a ALS, ou de agora, o MES, pensamos que somente um programa com claras bandeiras de ruptura com o capitalismo é possível de se realizar e ainda mais, conseguirá unir o conjunto dos trabalhadores e oprimidos.

Temos outro problema sério na raiz da concepção de Programa Democrático e Popular: a questão da transição ao socialismo. A adoção desse tipo de programa não levará fatalmente, como tentam demonstrar seus defensores, a enfrentamentos com o estado burguês via sucessão ilimitada de reformas e surgimento "espontâneo" de uma consciência socialista. A história já demonstrou de forma cabal que somente a organização independente dos trabalhadores por fora do estado burguês será capaz de impor o socialismo. A APS e seus sócios menores ALS e MES reeditam a velha e diga-se de passagem falida forma de programa máximo e socialista

para as festas e programa mínimo para o dia a dia.

Não somos daqueles que acreditam que um programa socialista não deva partir das reivindicações imediatas da classe trabalhadora, muito pelo contrário. O problema, bem como nos ensinou Trotsky, é que na atual etapa do capitalismo as reivindicações dos trabalhadores e explorados são **impossíveis de se realizar dentro do capitalismo.**

Dizer que dentro do capitalismo há saída ou que alguém pode salvar a pátria, como fez Heloisa Helena na campanha eleitoral ao se atribuir tal poder é, na verdade, preparar a derrota dos trabalhadores. Vejamos e aprendamos com a história, adotar o programa que o PT defendeu por anos e a política de alianças que esse partido realizou levará **certamente o PSOL ao mesmo beco sem saída do PT**, ou seja, a se transformar em um partido da ordem e da defesa do estado burguês.

EM DEFESA DO SOCIALISMO

Em um momento no qual a classe trabalhadora dá seus primeiros passos rumo à retomada das lutas, nosso congresso precisa adotar um programa claro, com reivindicações que partam das necessidades imediatas e mais sentidas pelos trabalhadores e apontem para a superação do capitalismo e para a independência de classe.

O programa votado no Encontro de Fundação em 2003, embora seja insuficiente e contraditório, é uma boa base para o início da discussão, sendo assim, não podemos rebaixá-lo ou jogá-lo no lixo, temos é que fazer dele um instrumento vivo e não uma simples saudação à bandeira, como fez a direção do partido na campanha eleitoral.

2008: um ano fundamental

Talvez o único acordo que temos com os signatários da tese do MES é que 2008 será fundamental para o PSOL. Entretanto, o acordo acaba por aí. Os companheiros afirmam categoricamente no documento de sua conferência que a participação nas eleições de 2008 seria fundamental para a construção de nosso partido e que está colocada para o próximo período, leia-se eleições municipais, a realização de uma frente antineoliberal com setores da burguesia em contradição e com setores progressistas das forças armadas. Um dos problemas é que os companheiros ainda não conseguiriam explicar quem é o setor da burguesia em contradição e muito menos quem são os militares progressistas.

Nós achamos o contrário. Achamos que 2008 é fundamental, mas que as eleições municipais podem representar a destruição do PSOL enquanto um instrumento de luta dos trabalhadores e comprometer para sempre seu caráter de independência de classe, se isso acontecer será uma derrota para o conjunto dos trabalhadores e da esquerda em nosso país. De nossa parte, faremos todos os esforços que estiverem ao nosso alcance para manter o PSOL enquanto um instrumento de luta e não um abrigo para carreiristas e oportunistas. Nesse sentido, apresentaremos uma resolução em defesa do PSOL que coloque claramente que nossa tática eleitoral deverá basear-se na manutenção da frente de esquerda e na proibição expressa de realização de alianças eleitorais com partidos da burguesia, por mais progressistas que pareçam ou se classifiquem, bem como, partidos da base de sustentação do governo Lula.

Primeiros passos de Sarkozy:

Lobo em pele de cordeiro

As manifestações de descontentamento dos jovens e os chamados “à resistência” que fazem os partidos de esquerda, as associações militantes de trabalhadores e estudantes, os grupos de imigrantes, homossexuais e mulheres, têm obrigado Sarkozy a uma falsa “abertura” nomeando alguns ministros “socialistas”. Também convocou os burocratas sindicais traidores para negociar. Essa “abertura” serve para enganar e poder aplicar tranquilamente as receitas duras do neoliberalismo. O governo anterior também tentou aplicar o contrato precário aos jovens, porém saiu derrotado.

Nessa situação o decisivo é que ninguém se confunda. Somente podemos esperar ataques desse governo. Um exemplo: diferente de Chirac, que se negou a apoiar a invasão do Iraque, contentando-se em alimentar o racismo antiárabe e a islâmofobia na França, Sarkozy foi aos EUA brindar seu apoio a Bush.

Sarkozy pretende aproveitar as férias de verão para aprovar um pacote de leis antioperárias e ultraconservadoras no Parlamento. Entre elas, uma sobre as horas extras que na prática liquida o teto de 35 horas de trabalho semanal, outra sobre o ensino superior e uma terceira sobre o tratamento de jovens “delinquentes” e a diminuição para 16 anos da maior idade penal.

Um catálogo completo de medidas antioperárias!

A reforma das horas extras implica que não se paguem impostos e encargos sociais sobre os patrões. As negociações deverão se dar nos próximos dias sobre a remuneração das horas extras dos assalariados em tempo

parcial e os efetivos. Em relação a essa lei, o governo tem vários problemas. O primeiro de caráter orçamentário, pelo custo global da medida para o Estado. O segundo e principal é que uma medida como essa obriga a abertura de um processo de negociação entre a patronal, os sindicatos e o Estado... o que poderia eventualmente abrir as portas a protestos e mobilizações. Sarkozy, mediante estas medidas fiscais, termina de fato com o teto de 35 horas semanais e abre as portas para uma extensão substancial da semana de trabalho. Além disso, está na agenda antioperária um endurecimento da legislação contra as greves, que pode afetar radicalmente esse direito dos trabalhadores.

Privatização das Universidades

A lei que outorga a autonomia das universidades se “votará no mês de Julho” declarou o primeiro ministro François Fillon declarando que esta reforma era “a mais importante” do governo. O governo retrocedeu nos pontos mais polêmicos, como a adoção do vestibular e o aumento da matrícula. A autonomia dos estabelecimentos, segundo o primeiro ministro, deve permitir que as Universidades se organizem como queiram, contratar professores, criar ou fechar cursos e estabelecer acordos de pesquisas com empresas sem ter que pedir autorização ao Estado.

O objetivo, prosseguiu o primeiro-ministro, é que as Universidades francesas encontrem a “excelência, já que antes eram as melhores do mundo”. O problema é que essa ex-

celência a que se refere Sarkozy e Fillon na verdade é o início da abertura do processo de privatização das universidades.

Repressão para solucionar os problemas sociais

“Continuarei com a política de segurança com que estou comprometido desde 2002.” Com essa declaração, Sarkozy deixa claro que não haverá mudança de rumo, ao contrário, haverá uma aceleração com as medidas novas, como a diminuição da idade penal para 16 anos e as penas extraordinárias para os “reincidentes”. Este último é um princípio importado dos EUA que implica sanções, independente das circunstâncias e magnitude do delito. Isto permite aos EUA condenar a 25 anos de prisão os jovens negros ou latinos desempregados e à miséria os que cometam três infrações menores.

Agora, Sarko quer aplicar as mesmas medidas aos jovens imigrantes das *cités* (bairros pobres da periferia de Paris). Temos que lembrar que o agora presidente, enviou em maio de 2005, quando ministro do interior, tropas do Grupo de Intervenção da Polícia Nacional para agredir sindicalistas em greves dos Correios. Seis meses depois reprimiu violentamente os jovens pobres das *cités* chamando-os de canalhas. Agora, a tensão entre os jovens imigrantes e as “forças da ordem” seguramente vão aumentar.

O “Ministério da Identidade Nacional”, uma criação racista

Sarkozy já criou o famoso “Mi-

nistério da Identidade Nacional”, algo que soa como a “Polícia do Pensamento” de Orwell. Essa havia sido uma velha consigna de Le Pen, máximo dirigente da extrema direita francesa.

Parece curioso que um filho de húngaros esteja tão apegado a “identidade nacional francesa”, porém, Sarkozy é um oportunista experimentado que utiliza qualquer argumento que o convenha. Sem dúvida, o mais importante é que este ministério não aponta contra “brancoides” descendentes de aristocratas nazistas que chegaram à França fugindo do “comunismo”, como os próprios pais de Sarkozy. Vai dirigido contra os desagradáveis africanos e magrebes, que foram trazidos para a França para serem explorados e cujos descendentes agora viraram problemas por causa do desemprego, miséria e racismo.

Sarkozy, quando ainda ministro, prometeu criar esse tal ministério, de imediato as associações de apoio aos imigrantes e de luta contra o racismo sustentaram que Sarkozy contribuía para consolidar preconceitos contra os estrangeiros ao sugerir que a identidade nacional francesa estaria ameaçada pela chegada de imigrantes. Somente o candidato de extrema direita, Le Pen e o conservador Philippe de Villiers, aprovaram a iniciativa. Mesmo o ex-primeiro ministro social-democrata Lionel Jospin, saiu a advertir que *“impor a identidade nacional e transformá-la em objeto de uma administração é uma aspiração totalitária.”*

Quando se trata de um país imperialista, como é a França, a identidade nacional **não cumpre um papel progressista,**

como pode ser relativamente o nacionalismo antiimperialista dos países do terceiro mundo, ou a identidade de membros das comunidades indígenas, por exemplo.

Nos países imperialistas, a “identidade nacional” significa justificar a exploração e opressão dos povos dominados, idealizar sua sanguinária história de colonialismo e desculpar o mau trato racista aos imigrantes das colônias e seus descendentes.

O mais grave, é que também é uma arma da burguesia para apagar as diferenças de clas-



ses entre os mesmos “franceses descendentes de Asterix” e simultaneamente fazer com que se enfrentem entre si os trabalhadores e os pobres, segundo sua origem e cor da pele.

Preparando a resistência

As notícias do pacote de leis que prepara Sarkozy estão causando as primeiras respostas. Por exemplo, o anúncio pelo ministro Fillon de uma lei sobre a autonomia universitária motivou uma enérgica oposição entre os sindicatos do ensino superior e

das principais organizações estudantis. O sindicato dos docentes lembrou que vários ministros da educação tiveram que renunciar diante das mobilizações contra leis semelhantes. Por sua vez, a UNEF, principal entidade estudantil exigiu o adiamento da votação da lei.

Entretanto, como de costume, grande parte da burocracia sindical tem iniciado uma traidora abertura de negociações, contribuindo com a manobra de Sarkozy de acalmar os ânimos e apresentar-se como aberto ao diálogo. Pensamos que não há nada a se negociar com Sarkozy, ao contrário, somente as lutas poderão deter seus intentos.

Porém, com as eleições legislativas em 10 de junho, os partidos que dizem se opor a Sarkozy, preferem se ocupar mais de pedir votos que chamar a mobilização. Isso não é surpreendente da parte dos socialistas, do PC e dos “antiglobalização”. Entretanto, que a Liga Comunista Revolucionária, seção do secretariado unificado, que tem participado das reuniões preparatórias destas mobilizações, também se oponha a convocá-la com o argumento de que terá pouca participação é uma vergonha total. O fato é que todos estão metidos até a cabeça em conseguir eleger um ou dois legisladores, enquanto Sarkozy e Fillon avançam rapidamente em seu plano de realizar o máximo de ataques aproveitando o recesso político e laboral do verão.

Flor Beltrán

Socialismo ou Barbárie França

Uma farsa repugnante

Cláudio Testa

Essas máquinas de mentir, enganar e falsificar conhecidas como "meios massivos de comunicação" (TVs, rádios, grandes diários e revistas) têm lançado nos últimos dias uma campanha mundial. De Nova Iorque a Buenos Aires, e daqui ao Japão, vomitam em distintos idiomas o mesmo livro: a "defesa da liberdade de imprensa" contra o terrível "tirano Chávez". Temos que desmascarar esses mentirosos profissionais. Porém, ao mesmo tempo, o fato de Chávez não ter renovado a concessão da RCTV, nos dá a oportunidade de fixar uma posição ante o grave problema dos meios e **como conseguir uma verdadeira liberdade de imprensa e de expressão cultural para os trabalhadores e explorados.**

A tormenta foi desencadeada por uma medida **tardia**, porém **absolutamente legal**, nos marcos da Constituição e do direito burguês da Venezuela, tomada pelo governo de Chávez. Ao finalizar a concessão da *Radio Caracas Televisión* (RCTV) o governo **decidiu não renovar**. Temos que aclarar que em todos os países do mundo as frequências de TV são do Estado, que as dão ou não em concessão, por um prazo determinado.

Por que falamos de medida tardia? Porque, na verdade, a RCTV há pelo menos 5 anos deveria ter sido **fechada** e seus donos e diretores presos, por terem cumprido o papel **organizador e dirigente** no fracassado golpe de estado de abril de 2002, que tentou instaurar uma ditadura militar ao estilo Pinochet. Nas poucas horas que durou o

golpe, alentado a partir da embaixada yanqui e encabeçado pelo presidente da *Fedecámaras* (espécie de FIESP venezuelana), dezenas de trabalhadores e de ativistas foram assassinados, o que deixava claro a que serviria o golpe, caso se consolidasse no poder.

Essa tentativa criminoso foi derrotada pela combinação de uma importante mobilização operária e popular somada à recusa de um grande setor das forças armadas a irem ao golpe.

A RCTV e seus cupinchas não foram simples "informadores e/ou comentaristas" desses acontecimentos, ao contrário, **estiveram pública e organicamente na cabeça do golpe**. Em qualquer estado burguês teriam pago caro essa aventura, porém, por vários motivos, Chávez fez vista curta.

Possivelmente, Chávez esperava que RCTV e demais canais mudassem de conduta, o que concretamente não ocorreu. Não foram poucas as vezes em que exortaram militares reformados a novos golpes.

Liberdade de imprensa..... para quem ??

A não renovação da concessão da RCTV e o circo montado internacionalmente nos levam a um problema muito importante e de dimensões mundiais: que entre os 6 bilhões de habitantes do planeta, os únicos que tem **realmente** "liberdade de imprensa" são um punhado cada vez menor e mais concentrado de corporações que detêm o controle das cadeias de rádio, tv, jornais e revistas.

Nos EUA e América Latina são apenas 10 grandes grupos que dirigem o fundamental da TV, da imprensa e da chamada "indústria de entretenimento". Trata-se das holdings AOL/Times Warner, Gannett Company, Inc., General Electric, The McClatchy Company/Knight-Ridder, News Corporation, The New York Times, The Washington Post, Viacom, Vivendi Universal y Walt Disney Company. Esses são os donos do circo em escala mundial.

São os que detêm os "picadores de cérebro" não só nos noticiários, mas também nas séries, novelas e "documentários" onde os yanquis são sempre bons e os árabes sempre terroristas, os latinos narcotraficantes e os governantes contrários aos EUA ditadores.

Trata-se, então, da liberdade de imprensa para essas 10 holdings e suas sucursais e sócios menores da América Latina e de outros continentes, que em outras palavras significa o direito a mentir como desejarem ou impor uma mordada ao resto da humanidade.

Essa pretensa liberdade de imprensa que informou ao mundo que se deveria invadir o Iraque por causa das terríveis "armas de destruição massivas" que Sadam escondia debaixo da cama, ou que se silencia diante das lutas dos trabalhadores.

No caso da Venezuela, tanto RCTV, como Venevisión e Globovisión, se encontram nas mãos de algumas das aproximadamente "30 famílias" que compõem a grande burguesia pré-chavista, esses, por sua vez,

associados ao capital norte-americano.

Nós, socialistas revolucionários, sempre denunciávamos que as liberdades da “democracia” dos patrões ficam em grande medida no papel, porque os trabalhadores e explorados não as podem exercer com plenitude. Como ensinava Lênin, mesmo na máxima “democracia” burguesa, se os capitalistas são os donos da grande imprensa, a “liberdade de imprensa” para os trabalhadores de fato se transforma em ficção.

Porém, hoje em dia, isto **se tem agravado qualitativamente**. Isto porque o desenvolvimento da TV e do rádio tem acompanhado um **curso de concentração monopólica do capitalismo**. Hoje, um punhado de capitalistas, através da TV e do Rádio pretende ditar o que centenas de milhões devam pensar ou acreditar.

Nas últimas décadas, quanto mais se tem vociferado sobre a “liberdade de imprensa” mais se tem aplicado um processo de cerceamento à informação. O processo de monopolização de dimensões internacionais está terminado, mesmo com a imprensa burguesa, que há décadas aparecia com “independente” ou

“crítica”, como o *Lê Monde* ou *The New York Times*. Hoje, o *Lê Monde* está nas mãos de um dos padrinhos de Sarkozy. Do grande diário burguês “independente”, “pluralista” e “progressista” só resta o mausoléu.

Pluralismo operário e popular ou monopólio do governo?

RCTV deve passar para as mãos dos trabalhadores!!!

É evidente que não podemos falar seriamente de “liberdade de imprensa” com os principais meios de comunicação, em escala nacional e mundial, nas mãos de alguns monopólios.

Por isso, o primeiro passo deve ser arrancá-los das mãos dos capitalistas mediante a expropriação e nacionalização. Porém, isto **deixa sem resposta** a questão mais importante: **o que fazer com eles?** Esse é um problema que está colocado na Venezuela após a justa medida de não renovar a concessão à RCTV.

Pensamos que a justa resposta deva ser o estabelecimento de um **autêntico pluralismo operário e popular**, isto é, que **todas** as expressões políticas, sociais e culturais da classe trabalhadora e do povo

venezuelano possam expressar-se livremente e não só as oficialistas.

A falsa “liberdade de imprensa” dos multimilionários Granier-Phelps e seus sócios yanquis não pode ser substituída pelo **monólogo do governo chavista**. Este é um perigo real, porque o regime de Chávez, mesmo que se proclame “socialista”, está implementando uma experiência de Capitalismo de Estado, cuja sombra engorda novos setores burgueses. Por isso, Chávez tem como um de seus pilares a construção de um “partido único”, o PSUV, ao mesmo tempo em que tenta sufocar toda expressão **independente e crítica**, tanto no movimento operário como na esquerda.

Esta tem sido sua atitude frente a UNT (União Nacional dos Trabalhadores). E agora isto se aprofunda com a organização do PSUV, como um partido organizado verticalmente a partir do aparato de estado, ao melhor estilo peronista das primeiras décadas; seu projeto de manejo dos meios de comunicação não é muito diferente.

Acreditamos que os ativistas operários e socialistas da Venezuela devam lutar por outra alternativa: o mais amplo

pluralismo operário e popular e a maior liberdade de expressão nos meios de comunicação para todas as correntes socialistas e antiimperialistas. Para isso, a administração da RCTV **deve passar às mãos dos trabalhadores e não do governo!!**



Alí Primera: Ícone da contra-cultura

Nahuel Moreno, crítica e reivindicação

Roberto Sáenz

Em janeiro passado se cumpriram 20 anos da morte de Nahuel Moreno e a propósito deste aniversário tem aparecido diversos artigos na imprensa de esquerda e também tem se realizado distintas comemorações. Dedicamos um extenso trabalho no balanço do morenismo e das correntes do trotskismo em geral, e voltamos ao tema como uma homenagem e para aportar ao debate de como abordar o legado de Nahuel Moreno.

Moreno, que foi o fundador da corrente trotskista mais importante na América Latina e uma das principais na ordem internacional na segunda metade do século XX, junto com Ernest Mandel, Tony Cliffe e Joe Hansen, foi um dos mais importantes dirigentes do trotskismo no pós-guerra.

Depois do assassinato de Trotsky, em condições difíceis, foi parte central de um esforço político e construtivo, graças ao qual o marxismo revolucionário, ainda que não tenha chegado a ter influência de massas, hoje é uma corrente viva e presente na vanguarda, especialmente na América Latina, Europa Ocidental e alguns países da Ásia.

Balanço e tradição

Partimos assinalando que *Socialismo ou Barbárie Internacional* provém da corrente de Moreno, mas **não se considera "morenista"**. Isto como consequência das próprias circunstâncias de sua formação: tem sido um subproduto **do racha do morenismo, que revelou um conjunto de problemas e graves inércias teóricas, políticas e construtivas que não podiam ser encaradas se as postergasse** amparando-se na "tradição".² A isto se somou a queda do stalinismo, um acontecimento extraordinário, que colo-

cou sobre a mesa a necessidade de reconsiderar a bagagem do movimento trotskista em seu conjunto.

Ademais, aquele racha não era uma ruptura qualquer, se tratava da destruição de um partido como o velho MAS (que chegou a ter quase 10.000 militantes) e da velha LIT (em dado momento, a corrente mais forte na América Latina) **não cabia outra alternativa que não ir à raiz das razões de semelhante crise, tirando lições do caso.**

Creemos que no fundo dessa crise e ruptura está que no princípio da década de 80 acabou-se decantando uma "síntese" extremamente unilateral e "objetivista" da teoria da revolução permanente e também uma equivocada abordagem da degeneração da URSS e demais países do Leste Europeu e da China. Essa síntese errada – que **desarmou** dirigentes e militantes – é a explicação última do dramático e trágico racha; o morenismo – é verdade que já **sem** Moreno – **não logrou passar na prova** dos acontecimentos nacionais e internacionais do princípio dos 90, justamente quando estava no ápice de seu apogeu, dando lugar a partir daí a uma série de tendências ou correntes provenientes desta experiência.

No entanto, isto não quer dizer que militemos no bando do "anti-morenismo" no estilo do PO argentino.³ Pelo contrário, reconhecemos que a corrente morenista teve uma enorme riqueza e vitalidade, assim como **uma tradição com fortes traços independentes, pró-operária e internacionalista.** Ou seja, uma trajetória claramente à esquerda no quadro de conjunto do trotskismo de pós-guerra, hegemônico por Pablo, Mandel e Posadas (este último na Améri-

ca Latina), **que fizeram escola no seguidismo a qualquer aparato burocrático ou pequeno-burguês em cena.**⁴ A trajetória do morenismo deixou um conjunto de lições ou traços que necessariamente devem ser parte da bagagem do marxismo revolucionário e do trotskismo no século XXI e **que fazemos nossos.**

Por isto mesmo, cremos que em relação a Moreno e a sua experiência militante, o que se coloca é uma **superação crítica**; no dizer de Hegel, uma superação que negando os aspectos largamente ultrapassados pela experiência histórica, ao mesmo tempo logre conservar aquelas que são as suas aquisições ou características mais "universais", no marco, claro está, de um esforço maior: o resgate do conjunto da tradição do marxismo clássico e revolucionário (Marx, Engels, Lenin, Trotsky e Rosa Luxemburgo) assim como também – e isto expressamente em **repúdio** a toda história oficial e a liturgia dos atuais "morenistas" ao estilo do PSTU brasileiro - de aspectos valiosos de **outras** tendências trotskistas e de militantes ou intelectuais marxistas revolucionários "esquecidos" como Cristian Rakovsky, Milciades Peña, Pierre Naville e tantos outros.⁵

É desde este ângulo que não deixa de surpreender a **superficialidade** dos diversos textos deitados a correr em homenagem a Moreno. O cúmulo de escritos, lembranças e discursos das correntes que se consideram morenistas tem sido – salvo exceções – de uma pobreza conceitual realmente estremeceadora, que pouca honra faz ao próprio Moreno, **deixando ao nível de meros epígonos do mesmo.** É o caso

do MST e da IS na Argentina, do PSTU e – em menor medida – do MES⁶ do Brasil, principais organizações que se reivindicam “morenistas” em nível internacional, junto com uma série de grupos e companheiros sobretudo na América Latina.

Nestas condições, por meio destas páginas propomos um **outro ângulo** de resgate da obra de Moreno que cremos mais honesto e frutífero: **um ângulo necessário e inevitavelmente crítico no que respeita aos errôneos elementos de síntese teórico-programática, mas que, no entanto, busca resgatar toda a riqueza de sua trajetória.**

Uma síntese equivocada

Qual é o principal problema que concerne às correntes que se consideram “morenistas”? **A carência de balanço da ruptura da corrente.** Tem sido tecido um sem número de hipóteses a respeito, todas com uma parte da verdade: a morte de Moreno no “apogeu” da corrente; a inexperiência dos que o sucederam; as intensas pressões sociais e políticas “objetivas” a que esteve submetido o velho MAS, etc... No entanto, o que se decanta desses argumentos é uma autêntica fuga adiante apelando à “tradição” como tábua de salvação: **após 15 anos da ruptura da corrente, praticamente carecem de todo um balanço real, objetivo e descarnado, de suas razões.**

A nosso ver, a explicação é no fundo sensível e contundente: aconteceu que Moreno terminou fazendo uma síntese e sistematizando uma visão das lições da revolução e da transição ao socialismo na segunda metade do século XX, que não só resultou **equivocada**, mas que também, no preciso momento de ser generalizada, a história mundial dava um tremendo salto deixando-a ainda mais fora de lugar.⁷ Por fim, isto, que em propriedade foi **comum** à imensa maioria das correntes trotskistas e que

fizemos balanço em outra vez, ocorreu não em qualquer momento, mas **quando se tinha a responsabilidade sobre milhares de militantes e com um partido como o velho MAS, com responsabilidades concretas na luta de classes. Daí que a queda tenha sido tão dramática e que o próprio racha da corrente haja adquirido contornos realmente trágicos.**

Moreno sempre havia reconhecido que ao longo de quase toda sua vida política **esteve obcecado** pelo fenômeno das revoluções anticapitalistas do pós-guerra⁸, onde sem classe trabalhadora, sem organismos de poder e autodeterminação da mesma classe e sem partidos e correntes marxistas revolucionárias e/ou trotskistas com peso de massas, efetivamente se expropriou os capitalistas. Com revolução ou sem ela, isto ocorreu na China, nos países do Leste Europeu, na Iugoslávia, Vietnam e Cuba.

Do conjunto destes fenômenos, evidentemente o que mais pressionou a corrente morenista foi a revolução cubana, pressão que muitas vezes com uma fundamentação algo confusa **se soube resistir**, diferentemente – por exemplo – de Ernest Mandel, possuidor de um verdadeiro recorde mundial de capitulações.⁹ Fez isto apostando estrategicamente **na classe operária e na construção do partido revolucionário**, em oposição ao substitutismo da classe nas diversas versões guevaristas ou guerrilheiristas frente-populistas.¹⁰ A máxima expressão desta peleja foi a construção do PST, **que teve mais de 100 companheiros mortos ou desaparecidos pela Triple A (similar ao comando de caça aos comunistas) e pela ditadura militar.**

No entanto, em Moreno havia uma tensão teórico-política que **nunca foi resolvida ou – caso queira – se resolveu mal**: partindo da interpretação que **igua-**

lava revolução anticapitalista a revolução socialista, Moreno chegava a conclusão de que a revolução **socialista** podia ser um processo “objetivo” que se produz fundamentalmente pelo peso das circunstâncias¹¹, e que **Leon Trotsky havia se equivocado ao por no centro da teoria da revolução permanente as classes em luta, ou seja, os sujeitos sociais e políticos efetivamente atuantes.**

Neste marco, a revolução socialista se transformava em um processo que dependia essencialmente das circunstâncias e de determinações “objetivas” e não **da atividade real da classe trabalhadora** que, com suas mobilizações, organismos, partidos e consciência, ocupara o lugar central no processo de luta. Assim, tomou corpo uma reelaboração cruamente “objetivista” da teoria da revolução¹², que se chegou a apresentar vulgarmente como “teoria das revoluções socialistas objetivas”, uma verdadeira contradição nos termos.

Por fim, Moreno chega a colocar teoricamente – ainda que este passo nunca o dá de maneira prática – que existia a possibilidade de que o trotskismo houvesse sido no pós-guerra uma “seita”, por não haver sido capaz de ser a “ala esquerda” dos movimentos de libertação nacional, ou, inclusive, do castro-guevarismo, na luta democrática ou anticapitalista. Em textos ou cursos deglavados se esboçam claramente posições **etapistas**. Se chega a elevar a “teoria e programa” **a tese da “revolução democrática” como suposta “etapa independente” da revolução socialista.** Isto ocorria ainda que fosse contraditório, e em tempo real, com **o correto posicionamento da corrente morenista frente à revolução nicaraguense e centro-americana.**

“Apresenta-se o fato da contrarrevolução capitalista – colocava

Moreno – ter recolocado a **necessidade de que tem de haver uma revolução democrática** (...). Não sei se é correto ou não. Se é correto há que **mudar toda formulação das teses da Revolução Permanente** (...). Se é correto, **muda toda a nossa estratégia frente aos partidos oportunistas, e em boa medida com respeito aos partidos burgueses** que se opõem ao regime contra-revolucionário. Como um passo até a Revolução Socialista, nós estamos a favor de que venha um regime burguês totalmente distinto (...) ainda que isso provoque uma tendência terrível de se ir ao frente-populismo. Porque se de verdade há uma revolução democrática (...) **surge a possibilidade de uniões com setores burgueses e surge a possibilidade da teoria etapista**. Volta a colocar-se a teoria menchevique e stalinista das etapas: uma revolução democrática que vai durar vinte, trinta, quarenta ou cinquenta anos”.¹³

É conhecido o desastre que produziu esta armação teórico-política equivocada – e majoritariamente “oral” – da “revolução democrática” entre a direção e a militância do velho MAS e da LIT nos anos 80. Porque estas errôneas colocações de Moreno (morto este e sem o equilíbrio que vinha de sua experiência dirigente), **deram lugar a delírios facilistas, confusões oportunistas e desastres burocráticos de todo tipo e cor que terminaram por deglutir a corrente morenista em pouquíssimos anos**. Isto não são palavras: **são fatos**. E, como dizia Lenin, os fatos são “tosudos”.

No entanto, até hoje, os epígonos de Moreno como o PSTU e outros, **não tem sido capazes de tirar uma só linha de balanço claro e honesto acerca das lições da crise**, que para nós, a luz da experiência histórica, tem mostrado que em última instância, **sem a classe traba-**

lhadora, não pode haver uma autêntica revolução socialista, nem processo de transição ao socialismo. Nestas condições, em suas distintas versões (mais oportunistas ou mais sectárias), tem ficado **desarmadas estrategicamente**.

Uma visão errada da transição socialista

Há um segundo e grave problema: a leitura das experiências não capitalistas da segunda metade do século XX. Aqui há outro grave **anacronismo** dos “morenistas” (compartilhado, neste caso, com o PO e PST), vinculado não só a incapacidade de fazer qualquer balanço crítico, senão também, de **aprender a ler a experiência histórica que tem ocorrido debaixo de seus olhos**. Porque, não haverá maneira de deixar de ser uma seita se não somos capazes de tirar as lições deixadas pela experiência histórica do século que passou. É também a única maneira de apresentarmos um **balanço intransigente frente às camadas operárias e estudantis que despertam para a vida política e que começam a colocar-se o problema do socialismo no século XXI**.

No entanto, não é isto o que os “morenistas” tem em mente. Por exemplo, o PSTU acaba de anunciar a tradução para o português da obra de Moreno “*A ditadura revolucionária do proletariado*”. O ridículo do caso é que este texto **não passou na prova da experiência histórica**, a qual – nobreza compele – é muito mais clara hoje que há trinta anos atrás, quando Moreno o escreveu em polémica com Ernest Mandel (cuja posição, esclarecemos, era desastrosa). Entendemos que fiel a seu espírito, **Moreno, com certeza, teria “revisado” e ajustado as previsões desta elaboração à luz dos fatos**.¹⁴

Aqui se dá outro paradoxo: Moreno sempre reivindicou que junto com Pablo e Hansen, foram “os

primeiros” a colocar que os países do Leste Europeu haviam se transformado em Estados Operários em virtude da expropriação dos capitalistas. Isto era considerado como “um grande acerto”. Mas, para além da pressão real posta pela polémica com os “antidefensivistas” (que sustentavam uma posição unilateral e equivocada), é certo que décadas depois, sobretudo no começo dos 80, **Moreno – com a sensibilidade que o caracterizava – começa a questionar-se sobre a evolução destes estados**.¹⁵

Não se pode esquecer que durante anos **estudou Pierre Naville** e que em mais de uma ocasião assinalou que sua obra parecia “valiosa”, a ponto de contrapô-la parcialmente às elaborações de Mandel. Assim o faz quase textualmente em uma das teses de sua revisão do Programa de Transição (onde fala da unidade da economia mundial versus a tese mandeliana das “duas economias”) e nas escolas de quadros dos anos 80.¹⁶

No entanto, na verdade, a obra de Pierre Naville, *O novo leviatã*, tem conclusões opostas às de Moreno em *A ditadura...*, cujo problema central é que termina sendo uma “**racionalização**” ou **justificação histórica da burocratização da ex-URSS e demais estados onde se expropriou o capitalismo**. O argumento liminar é a assinalação de que a brilhante obra de Lenin *O estado e a revolução*, por ser anterior à experiência da revolução de 1917, estava “desatualizada”. Especialmente onde reside a insistência de Lenin em que uma ditadura do proletariado, enquanto é uma ditadura sobre as classes inimigas, deve tender a ser, cada vez mais, uma democracia de novo tipo; **ou seja, a mais ampla democracia e auto determinação dos trabalhadores, única base possível da fortaleza do “semi-estado” proletário**, junto com a extensão internacional da revolução.

No texto citado, Moreno adere à concepção de que o século XX havia demonstrado que nas condições do cerco imperialista, a burocratização seria “inevitável” e que havia **toda uma etapa intermediária de “fortalecimento” do Estado como tal**, ou seja, do estado enquanto aparato em si mesmo, ao invés da extensão da democracia operária e popular.

No entanto, a experiência histórica do século XX demonstrou o oposto: **longe de serem “pré-diluvianas” as lições de Lenin em *O Estado e a revolução*, demonstraram-se de uma imensa atualidade**. Porque o verdadeiro fortalecimento da ditadura do proletariado somente pode vir da ampliação de sua base de sustentação social, ou seja, **de que o poder esteja realmente apoiado em organismos democráticos de autodeterminação da classe trabalhadora mesma**, o que não exclui a adoção de medida de “exceção” contra as classes inimigas.

Por oposição, nas condições de fortalecimento da burocracia e de sua atuação sem controle, nem medida, no manejo da propriedade estatizada e da direção da produção, o que se afiança é um mecanismo de exploração do trabalho assemelhado ao do capitalismo: **a lei da taxa máxima de acumulação de bens não chega às mãos dos trabalhadores, senão que vão ao fortalecimento da própria burocracia e que se apóiam no trabalho não pago aos trabalhadores, uma mais-valia em mãos do estado**.

Moreno perde de vista isto quando dá o infeliz argumento de que na ex-URSS supostamente imperava a “democracia dos nervos e músculos”, em total oposição a uma **textual afirmação contrária de Trotsky**, que assinala que a burocracia baseava sua orientação econômica no **“sistema do suor”**, ou seja, em

extrudar os nervos e músculos dos trabalhadores.¹⁷

Teoria e prática

O desembarque em Villa Pobladora em 1944; a experiência de *Palabra Obrera* na resistência peronista; a atividade entre o campesinato cuzqueño no Peru (Convención y Lares); o glorioso PST; a Brigada Simón Bolívar na revolução nicaragüense; a construção do velho MAS; **tudo isto forma parte de uma muito rica e variada trajetória política e construtiva de Moreno**.

Há uma linha de continuidade nisto tudo: **o imenso esforço por fazer do trotskismo parte da experiência real da classe trabalhadora**. Moreno impulsionou sua corrente a ser parte de um sem número de experiências de luta e organização e foi – no segunda pós-guerra - **uma das correntes que mais experiência revolucionária militante prática adquiriu na luta de classes**.

Mediado pelo stalinismo, pelo fenômeno do nacionalismo burguês e logo pelo castrismo e o guerrilheirismo, **não era fácil sobrepor-se à marginalidade e fazer do trotskismo uma corrente vital e material na luta de classes**. Moreno, muitas vezes, em circunstâncias críticas e de ascenso na luta de classes, **o conseguiu**.

Isto se soma a um segundo traço de grande importância: uma grande capacidade de fazer política e uma “obsessão” construtiva. **Longe de tanto pós-modernismo e liquidacionismo em matéria de organização leninista** (expressada vergonhosamente cedo por muitos dos integrantes do velho MAS desmoralizados), **Moreno mostrou ter sido um grande político e um grande construtor partidário**.

No entanto, estes logros, aquisições e traços muito progressivos do “morenismo”, estiveram lastreados por um déficit que logo

cobrou sua dívida: **certo “pragmatismo” e/ou déficit no trabalho teórico sistemático**.

Esclareçamos o ponto. Sem dúvida, **não cabe mais que reivindicar a atitude aberta com que Moreno enfrentou muito dos problemas colocados pela luta de classes**. Inclusive, se sua síntese da Teoria da Revolução se revelou, a nosso juízo, equivocada, não deixa de ser completamente correta sua posição de **tentar dar conta dos fenômenos novos de uma maneira não doutrinária**. Para não falar de esboços de elaboração da estrutura econômica social do país e o fenômeno do peronismo, que foram inspiração dos trabalhos mais sistemáticos neste terreno de um intelectual marxista de enorme envergadura como Milciades Peña.

Ao mesmo tempo, de alguma maneira se revela uma certa falta de trabalho teórico **sistemático**, ou seja, ao abordar e se aprofundar na obra de Moreno, não deixa de chamar atenção o caráter **inspirador mas as vezes fragmentado** de sua elaboração (para não falar dos que o sucederam, nem “inspiradores” de nada, nem “fragmentários”: somente um deserto teórico, **salvo honrosas exceções com as quais temos aprendido muito**¹⁸).

O próprio Moreno dava conta disto com a conhecida colocação de que seu marxismo era um “trotskismo bárbaro”, em condições de isolamento. Isto expressa condições reais, objetivas, do trabalho revolucionário em países semicoloniais como o nosso, que não são do centro imperialista. Mas, ao mesmo tempo, não pode deixar de sublinhar-se que não pode se tratar de uma barreira absoluta, **barreira que nem sempre o morenismo soube ultrapassar**.

Notas:

1 Ver *Socialismo o Barbarie* N° 17/18, "Notas sobre la teoría de la Revolución Permanente a comienzos del siglo XXI"

2 Isto é o que caracteriza a obra de Ernesto González, *El Trotskismo Obrero e Internacionalista en la Argentina*, sem que deixe de ter, nesse marco, riqueza testemunhal.

3 Um recente artigo de Julio Magri em *Prensa Obrera* caminha plenamente com a calúnia, o que ademais de ser um método detestável, é uma maneira **burocrática e não educativa** de abordar as diferenças entre correntes: **atira terra aos olhos da militância em lugar de dar argumentos que sirvam para formar sua opinião independente**. Ao mesmo tempo, Razão e Revolução acaba de reeditar o livro de Osvaldo Coggiola *Historia del trotskismo en Argentina y América Latina*, onde, atrás de páginas caluniosas a Moreno, **o que fica é uma verdadeira ode ao nacionalismo burguês e a Perón**.

4 Por exemplo, é conhecida a capitulação do POR boliviano –disciplinado por Pablo– ao governo nacionalista burguês do MNR na oportunidade da revolução de 1952, um dos maiores desastres do trotskismo na segunda pós-guerra e que se segue pagando na Bolívia até os dias de hoje. O livro de Coggiola pretende, neste ponto, **varrer esta verdade histórica para debaixo do tapete**.

5 Este último aspecto também vale para o PTS, que muitas vezes não logra escapar de **uma reivindicação puramente doutrinária de Trotsky**.

6 Quiçá o único texto que intenta dizer algo é o de Pedro Fuentes: "A 20 anos da morte de Nahuel Moreno", ainda que "seu" Moreno parece **demasiado adaptado** às elucubrações oportunistas do MES sobre o chavismo.

Por outra parte, não sabemos se Valerio Arcary, do PSTU, escreveu algo para a ocasião. Pelo menos, este autor revela um intento de sistematização e "aggiornamento" do pensamento de Moreno (em seu livro *Las esquinas peligrosas de la historia*), **ainda que de uma maneira completamente errada que aprofunda ainda mais, caso queira, o ângulo objetivista da síntese morenista**.

7 A queda do Muro de Berlim, a restauração plena do capitalismo na ex-URSS e demais estados burocráticos, encerramento do período de revoluções anticapitalistas que expropriavam a burguesia; tudo isto no marco de uma situação mundial que ia se tornando cada vez mais reacionária internacionalmente com o surgimento do neoliberalismo, cujo começo **Moreno não viu**.

8 Em uma atitude metodologicamente muito valorosa, Moreno sempre estava **preocupado por dar uma explicação não dogmática aos fenômenos novos**. Outra questão é que essas explicações hajam sido satisfatórias.

9 Daniel Bensaid publicou não faz muito tempo um texto –verdadeira "historia oficial" do mandelismo– **onde defende todas as ações desta corrente**, inclusive as elucubrações sobre a "Terceira Guerra Mundial" supostamente realizável no começo da década de 50, e que se usou de justificação para a capitulação do entrismo no stalinismo.

10 Há que se recordar também que Mandel apostou irresponsavelmente na estratégia guerrilheira na América Latina, levando à morte dezenas de militantes.

11 Valerio Arcary leva isto ao extremo colocando que quando "a necessidade obriga" se levam a cabo revoluções **"necessariamente" socialistas**, como havia ocorrido no pós-guerra. Para isto se apoia –entre outros–

em um texto totalmente mecanicista y determinista como o de G. Plejanov, "O lugar do indivíduo na historia", que apresenta uma posição **oposta quase pelo vértice** a de León Trotsky e quando aborda o papel de Lenin na Revolução Russa de 1917.

12 Em nossa "Crítica a la concepción de las revoluciones socialistas objetivas" (SoB 17/18) intentamos demonstrar que Trotsky fazia valer, na hora da definição do caráter social da revolução, não só as tarefas que cumpria, senão **quem e como as levava adiante**, o que cremos é uma **chave interpretativa crucial** para dar conta dos **alcances e limites** das revoluções do pós-guerra.

13 Em *Apuntes para una historia del trotskismo (1938/1964)*, Mercedes Petit, Ediciones El Socialista, Janeiro de 2006.

14 Todo o mundo sabe que quando se publicou este texto em 1986 se fez com uma apresentação que **praticamente questionava todo o conteúdo desta obra**, inclusive com elementos de debate como o reconhecimento da legalidade dos partidos burgueses nos soviets.

15 Há que assinalar que Moreno se posicionou bem quando do levante operário em Berlim em 1953 e da entrada dos tanques russos, agressão que Pablo e Mandel, embaraçosamente, se negaram a condenar.

16 Em seu texto sobre Moreno, Fuentes assinala honestamente que: "Moreno também se indagava se na ex-URSS e nos países do Leste a burocracia **já não havia elevado a um ponto qualitativo as conquistas da expropriação da burguesia**".

17 L. Trotsky, *A Revolução Traída*, capítulo IV.

18 Nos referimos especialmente a **Roberto Ramírez** e –em dado momento– a **Aldo Andrés Romero**.

Contatos:

praxis_psol@yahoo.com.br

SP (11)94852044 RS (55)99883377

WWW.GRUPOPRACTIS.ORG